

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA**

O ENSINO DO FUTEBOL PELAS ABORDAGENS TÁTICAS

Henrique Barbosa O. F. Salles

São Carlos

2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA**

O ENSINO DO FUTEBOL PELAS ABORDAGENS TÁTICAS

Henrique Barbosa O. F. Salles

Monografia apresentada à disciplina “Monografia em Educação Física II”, como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, sob orientação do Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior.

São Carlos

2014

Orientador: Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior

RESUMO

O motivo pelo qual o Futebol foi escolhido como tema desse estudo, foi devido ao grande apreço por tal modalidade. Por algum tempo o “sonho de ser jogador de futebol” foi cultivado e muito latente em minha vida, mas por uma questão de estatura, não pude levar adiante esse “sonho”. Na Universidade, em contato com estudos a respeito do Futebol, ficou claro que o aspecto tático deve prevalecer sobre o aspecto físico e técnico, ou seja, saber ler e interpretar as situações de jogo para responder da forma mais adequada a elas é mais importante do que gestos motores e questões físicas. E como o Futebol é um dos elementos da Cultura Corporal de Movimento presente em aulas de Educação Física Escolar, é dever da mesma o ensino de maneira adequada dessa modalidade, dando condições para que os alunos, independentes do desejo seguir carreira de futebolista, saibam interpretar as situações de jogo e tomem decisões eficazes diante delas, e para isso é necessário romper com um modelo de ensino tradicional, que prioriza o gesto motor, e adotar uma metodologia que dê condições aos alunos de saber ler e interpretar as situações de jogo. O objetivo da minha pesquisa é analisar a qualidade de jogo de uma turma de 9º ano nas dimensões táticas individual, de grupo e coletiva, a partir de uma intervenção baseada em uma unidade didática do Futebol pautada nas Abordagens Táticas. A presente pesquisa terá como referencial metodológico a Pesquisa-ação. Essa metodologia tem por princípios a observação do objeto de estudo e a intervenção para proporcionar uma mudança, podendo ser esta positiva ou negativa. A pesquisa-ação parte de uma realidade social com a finalidade de modificar essa realidade por meio de intervenções pedagógicas, por esse motivo a integração da pesquisa e da intervenção é de fundamental importância. Nessa metodologia o pesquisador, constantemente, deve assumir o papel de pesquisado e o de participante do grupo. Para a coleta de dados será utilizado dois instrumentos, que são os diários de aulas e filmagens. E para a análise de dados utilizaremos a ferramenta *Team Sports Performance Assessment Procedure* (TSAP), que tem por objetivo produzir informações válidas para avaliar o desempenho dos alunos em esportes de invasão. Foram ministradas aulas com temáticas referentes às situações táticas do Futebol, e a aplicação do TSAP foi realizada em dois momentos, o primeiro antes das aulas da unidade didática e o segundo momento foi após o término dessa unidade. A partir dos dados provenientes dos Diários de Aula e do TSAP foi possível identificar uma melhora da qualidade de jogo dos alunos nas dimensões táticas individual, de grupo e coletiva.

Palavras-chave: Futebol, Educação Física Escolar, Ensino.

SUMÁRIO

Introdução.....	5
1. O Ensino do Esporte na Perspectiva Tradicional	8
2. Uma Nova Pedagogia do Esporte.....	11
3. Pedagogia do Futebol	15
4. Materiais e Métodos	20
5. Processo de Intervenção	23
6. Aplicação e Resultados do <i>Team Sports Performance Assessment Procedure</i> (TSAP).....	26
7. Conclusão	31
Referências Bibliográficas.....	33
Apêndice 1 – Diários de Aula	35
Apêndice 2 – TCLE.....	40
Apêndice 3 – Carta de Apresentação.....	41
Apêndice 4 – Planejamento	42

INTRODUÇÃO

Como o título diz o cenário escolhido para esse trabalho foi o Futebol, a modalidade que é tão apreciada em nosso país, e muito apreciada por mim também, que desde pequeno pratico e acompanho pelas mídias os principais campeonatos nacionais e internacionais.

O esporte sempre teve um espaço muito grande no meu contexto familiar. Lembro-me que constantemente nos reuníamos para assistir Futebol, Vôlei, corridas de Fórmula 1 e outras modalidades, e isso sempre motivou a mim e aos meus irmãos a praticar esportes. Sempre incentivados pelos nossos pais, frequentamos escolinhas de judô, basquete, futebol e em casa também brincávamos de jogar beisebol, hóquei e tênis, mas o futebol era o nosso preferido.

Quando éramos pequenos, meu pai nos levava - eu e meus dois irmãos - pelo menos duas vezes na semana, a uma quadra e lá nós quatro jogávamos Futebol¹. Passado o tempo, meu pai começou a levar-nos a um campo onde ele jogava com seus amigos e alguns dos meus primos e tios. Por ser ainda muito novo, por volta dos meus 8 anos, eu não jogava, mas meus irmãos por serem mais velhos, 10 e 13 anos, começaram a jogar. Eu ficava na beirada do campo olhando, e brincando com uma bola, e sempre quando meu pai não estava jogando ele vinha e “batia bola” comigo e me lembro de ficar ali olhando o jogo, com muita vontade de jogar, imaginando quando eu poderia estar ali jogando também.

No final do ano de 1999, por motivos de trabalho do meu pai, mudamos de cidade, saímos de Mogi Mirim-SP e fomos para Jacutinga-MG, e nessa cidade ainda não tínhamos um lugar pra jogar. Então eu e meu irmão, do meio, começamos a usar o varal de pendurar roupas como gol, e às vezes até mesmo o portão da garagem. Nessas brincadeiras de Futebol comecei a perceber que gostava mais de jogar como goleiro do que como jogador de linha, como falávamos na época.

Por volta dos meus 12 anos eu entrei na única escolinha de Futebol de campo da cidade como goleiro, treinei alguns meses lá e gostava muito, mas tive uma lesão no joelho e por ordens médicas fiquei 6 meses sem poder jogar Futebol, ou fazer qualquer outro exercício físico. Depois desse período eu jogava Futebol somente em casa e às vezes na escola, ainda com muito receio.

¹ No decorrer do presente estudo, utilizaremos o termo futebol, muitas vezes abrangendo o futsal, na medida em que não consideramos necessária uma diferenciação entre as modalidades para o tratamento que receberão no estudo pelo fato de muitas vezes mesmo estando em quadras a dinâmica assumida pelos praticantes mais se aproxima do futebol, tanto do ponto de vista das regras, como da representação do futebol espetacularizado que serve de referência para essa prática.

Foi assim até meus 14 anos, quando recebi um bolsa de estudos em uma escola particular, na qual havia um turma de treinamento de Futsal, pois essa escola disputava alguns campeonatos. Voltei então a treinar – como goleiro – e meu gosto pela posição e pelo Futsal tornou-se ainda maior.

A partir daí, não parei mais de treinar e aos finais de semana ou sempre que podia jogava com meus amigos. Um dia um dos meus treinadores falou que eu deveria fazer testes em times porque eu teria condições de ser aprovado. Então o “sonho de ser jogador” começou a crescer, e cada vez mais pessoas me falavam que eu teria condições de atuar em times de Futebol. Nessa época eu jogava somente Futsal, mas essa modalidade não era tão valorizada.

Com 15 anos eu mudei de escola, pois a escola que havia me dado a bolsa de estudos encerrou as atividades do Ensino Médio, então passei a estudar em outra escola particular, que também contava com uma turma de treinamento de Futsal. Até meus 17 anos eu disputei diversos campeonatos escolares municipais e regionais, alguns campeonatos de uma franquia de escola particular e os campeonatos municipais de Futsal adulto.

Encerrei o Ensino Médio com 17 anos, e decidi não prestar vestibular, pois queria tentar seguir carreira de jogador, meus pais me orientaram e me apoiaram nessa decisão, passei então a treinar Futebol de campo por conta própria. Conversei com um dos meus treinadores e ele me passou uma série de exercícios, outros eu buscava na internet, íamos à um clube de campo; meu pai e algumas vezes meu irmão do meio, e lá realizávamos meus treinamentos.

Com 18 anos, através de um tio que tinha contato com um dos dirigentes da Sociedade Esportiva Palmeiras consegui um teste que foi realizado em Guarulhos, na Academia II, para onde fui levado pelo meu pai. Terminado o teste o preparador de goleiros do clube, reuniu todos os goleiros que haviam feito o teste e nos comunicou que nenhum havia sido aprovado, pois eles já contavam com muitos goleiros no elenco e por isso não teriam condições de admitir novos candidatos para a posição. Fiquei bastante chateado, mas já tinha em mente que não seria tão fácil seguir com meu “sonho de ser jogador”.

Alguns meses depois meu pai resolveu me levar no Centro de Treinamento (C-T) do Brasilis F. C. localizado em Águas de Lindóia, para ver se conseguíamos um teste. Conseguimos o teste depois de um mês, fiz o teste e quando terminou o preparador de goleiros me disse que tinha tudo para ser goleiro, que jogava muito bem e que eu não passei no teste somente porque era baixo para a posição. Esse fato me trouxe uma frustração muito grande, comecei a desistir do meu “sonho”, mas ainda alimentava uma esperança no Futsal.

Busquei times de Futsal para fazer teste, mas não conseguia, pois os times ficavam em cidades muito distantes da cidade que eu morava. Além disso, os responsáveis pelos times que entrei em contato me disseram que eu poderia fazer os testes, mas caso fosse aprovado, por não ser da cidade, eu teria que me manter sozinho. Como eu não tinha condições para me sustentar em outra cidade, acabei desistindo de vez de tentar ser jogador, e isso me deixou uma grande frustração.

Como eu já estava com 19 anos meus pais me disseram que era hora de estudar e tentar uma faculdade. Com 20 anos passei na Universidade Federal de São Carlos, no curso de Educação Física. Foi então que comecei a entrar em contato com um Futebol diferente daquele que havia me frustrado tanto, um Futebol onde o saber jogar é mais importante do que uma questão física. Entrei em contato com metodologias de ensino de Futebol, diferentes de tudo o que havia vivenciado, e que fizeram mais sentido para mim, pois eu havia aprendido, no decorrer da minha vida, a fazer gestos técnicos que não garantem o sucesso nas situações de jogo. Com essas metodologias pude perceber que saber interpretar as situações de jogo e saber se portar diante delas é fundamental para se jogar bem o Futebol e é justamente essa descoberta que inspirou a escolha do tema para esse trabalho, relacionado ao ensino do Futebol a partir das Abordagens Táticas.

O Futebol é uma modalidade, assim como as outras, que deve ser ensinada, pois não se nasce sabendo jogar Futebol e esse ensino deve ser de maneira adequada. Como o Futebol faz parte da Cultura Corporal de Movimento presente em aulas de Educação Física Escolar, este trabalho tem por objetivo analisar a qualidade de jogo dos alunos de uma turma de 9º ano nas dimensões táticas individual, de grupo e coletiva², a partir de uma intervenção baseada em uma unidade didática do Futebol pautada nas Abordagens Táticas, ou seja, a partir de um conjunto de aulas de futebol ministradas por mim, pretendo analisar a qualidade de jogo dos alunos e para tal fim utilizaremos Diários de Aula e a ferramenta *TEAM SPORTS PERFORMANCE ASSESSMENT PROCEDURE* (TSAP), que será aplicado antes e após a finalização da unidade didática.

² Tática individual é o entendimento para se adequar, de forma consciente, as situações em que há a necessidade de escolha de diferentes possibilidades em função dos adversários. Tática de grupo é o discernimento das alternativas de atuação coordenada com um ou dois companheiros, com o fim de dar continuidade a uma ação defensiva ou ofensiva. Tática coletiva, de acordo com a lógica da atividade, são as regras de organização de jogo, especialmente relacionadas às dimensões de jogo, à distribuição dos jogadores no espaço de jogo, com a definição de papéis e alguns dos preceitos de organização (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

1. O ENSINO DO ESPORTE NA PERSPECTIVA TRADICIONAL

Durante toda minha educação básica, o Esporte foi o único conteúdo abordado em aulas de Educação Física, somente em dias de chuva que o Esporte não entrava em cena, e na Universidade em contato com colegas e com a literatura específica, ficou claro que esse fato não foi uma exclusividade minha.

A respeito da predominância do Esporte em aulas de Educação Física Escolar, Bracht (2010) diz que o Esporte se tornou conteúdo hegemônico em aulas de Educação Física Escolar nas décadas de 1970 a 1990, isso devido a políticas públicas que conceberam e integraram a Educação Física ao sistema esportivo brasileiro, tendo como a principal função promover a iniciação esportiva, com o objetivo de selecionar possíveis talentos que poderiam, posteriormente, defender a nação no âmbito esportivo internacional. Essa ascensão do esporte foi denominada “esportivização” da Educação Física.

Esse fato também é relatado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998), indicando que na década de 1970 as atividades esportivas foram consideradas importantes para a melhoria da força de trabalho, para o “milagre econômico brasileiro” estreitando o vínculo entre esporte e nacionalismo. Os PCN relatam ainda que a partir do Decreto nº 69.450 de 1971, na Educação Física Escolar, foi dada ênfase na aptidão física e na iniciação esportiva a partir da quinta série, que hoje corresponde ao sexto ano, tornando assim um dos principais eixos de ensino. Já na década de 1980 os efeitos desse modelo não foram os esperados, passando assim a ser contestado.

Betti (1999) afirma que o esporte foi a principal maneira utilizada na Escola para a difusão do movimento corporal, adotando o ensino do esporte como principal estratégia. A autora traz uma crítica apresentando três possíveis fatores para essa hegemonia do Esporte.

Como primeiro fator, a autora traz a insegurança do professor em trazer um conteúdo que não é de seu domínio, ou seja, por não possuírem experiência e/ou domínio de outros conteúdos, por exemplo, a dança, e pela cultura popular de que o professor de Educação Física é um atleta isso faz com que esse profissional se sinta inibido de admitir que não saiba executar esses conteúdos, ele acaba se restringindo àquilo que domina, no caso um número restrito de modalidades esportivas coletivas, com destaque para o Futebol/Futsal e o Voleibol.

Outro fator seria a crença de que a escola não possui uma infraestrutura e materiais adequados. Betti (1999) reconhece que em algumas escolas a falta de um espaço adequado à prática é muito latente, mas a crítica que ela faz é a do professor restringir seu espaço de

atuação a uma quadra somente, e quando esta não se encontra disponível não há aula. Já no caso dos materiais o problema é que o conteúdo se restringe somente ao material que a escola disponibiliza, e como normalmente são bolas de modalidades esportivas, somente essas modalidades são trabalhadas, sendo que isso poderia ser solucionado se o professor buscasse a utilização de outros materiais.

O último fator que a autora apresenta é a justificativa de que os alunos não gostariam de aprender outros conteúdos, ela rebate essa justificativa trazendo uma pesquisa de própria autoria³, na qual os alunos entrevistados, que somente tiveram contato com no máximo duas modalidades esportivas, afirmaram que gostariam de ter uma maior variação dos conteúdos trabalhados em aulas.

Apesar da crítica feita à hegemonia do Esporte em contexto escolar, Betti (1999) diz que o Esporte é um fenômeno da Cultura Corporal de Movimento e é impossível negar seu ensino, mas é necessário ensiná-lo de maneira adequada, não aceitando que este conteúdo seja transmitido de forma que não se tenha a compreensão e transformação do aluno.

Recordo-me que em minhas aulas de Educação Física, fazíamos repetidas vezes gestos motores da modalidade em questão, e de forma isolada, ou seja, fora do contexto de jogo. Infelizmente esse tipo de ensino era e ainda é corriqueiro em aulas, e para Betti (1999) esse processo de ensino-aprendizagem focado em gestos motores automatizados e técnicas em que o aluno somente as reproduz não proporciona condições para que ele compreenda o significado e o sentido daquilo que ele está fazendo.

A autora complementa sua ideia dizendo ainda que o professor tem a função de promover o entendimento dos múltiplos sentidos que o Esporte possui, a compreensão do que se está fazendo e a resolução dos conflitos que venham surgir durante a prática e que para isso é necessário que o professor adquira uma forma didática nova de se ensinar o Esporte, que aborde juntamente com a prática a teoria (cognitiva, social e cultural).

Esse fato revela que em aulas nas quais se prioriza o gesto motor se empobrece a aprendizagem do aluno, pois gestos isolados não lhe dão a compreensão da modalidade em questão e ainda torna-se desestimulante para aqueles alunos que não possuem tanta habilidade para aquele modelo de técnica específico, não lhes dando oportunidades de explorar outras formas de execução.

O Esporte não exige uma técnica específica, um gesto motor perfeito, mas sim gestos que sejam eficientes e a compreensão do jogo, ou seja, saber resolver as situações presentes

³ RANGEL-BETTI, Irene Conceição. *O prazer em aulas de Educação Física Escolar: a perspectiva discente*. Campinas: FEF-UNICAMP, 1992. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar).

nele. Nesse sentido, modelos de ensino que visam somente à técnica precisam ser superados e esse trabalho pretende mostrar uma possibilidade de ensino de uma modalidade esportiva, visando o entendimento do jogo, no sentido de dar condições aos alunos de saber interpretar as situações de jogo e saber o que se deve fazer. Com isso, os alunos poderão optar pelo gesto que julgarem mais eficiente e não necessariamente será um gesto de uma técnica específica.

Segundo Daolio (2002), Marcel Mauss afirmava, em uma de suas obras⁴, que qualquer gesto corporal representa uma técnica, na condição de ser composto de tradição e eficácia, e ao longo da existência humana e do contexto cultural, o homem cria determinados comportamentos, que se tornam tradicionais e passam de geração a geração justamente porque são munidos de uma eficácia simbólica.

E no âmbito da Educação Física a perspectiva técnica sempre foi apontada de maneira instrumental especificamente. Desse modo as obras condizentes com a área reúnem um determinado conjunto de movimentos tidos como eficientes e perfeitos para um fim específico, por exemplo, uma modalidade esportiva, e fragmentam em estágios de uma sequência didática para assim ensinar (DAOLIO, 2002).

Portanto há uma padronização, ou seja, existe somente uma única forma de execução e as demais formas são consideradas erradas, incompletas ou ainda uma variação não almejada da técnica tida como perfeita, então um gesto técnico passou a ser reputado como um movimento eficiente, tanto nos contextos biomecânico, fisiológico ou esportivo (DAOLIO, 2002).

Em suma, o Esporte não deve ser o único conteúdo presente em aulas de Educação Física, pois os argumentos que sustentam essa hegemonia são mitos e existe a possibilidade de superá-los. O Esporte deve ser ensinado em contexto Escolar, mas como Betti (1999) diz, por uma nova forma didática que possibilite a educação pelo/atraves do Esporte.

⁴ MAUSS, Marcel, “As técnicas corporais”, 1974.

2. UMA NOVA PEDAGOGIA DO ESPORTE

Abordaremos aqui uma visão do Ensino do Esporte que se diferencia da visão tradicional que foi abordada no capítulo anterior, que possibilite ao aluno jogar bem, e para Daolio (2002) esse jogar bem seria não apenas realizar um gesto motor perfeito, uma técnica, mas sim colaborar de maneira eficiente e inteligente para o sucesso coletivo.

Torna-se necessário então, compreender a estrutura do Jogo Esportivo Coletivo, que compreende as modalidades esportivas coletivas e dentre estas o Futebol. Essas modalidades são incluídas em uma mesma categoria, pois possuem seis invariantes que são: uma bola, um espaço de jogo, companheiros de equipe e adversários, um alvo a atacar (e, conseqüentemente um alvo a defender) e regras específicas, e esta abordagem de ensino dos Esportes Coletivos, considerando essas semelhanças entre as modalidades, define seis princípios operacionais divididos em dois grupos, um para o ataque e outro para a defesa (DAOLIO, 2002).

Segundo Bayer (citado por DAOLIO, 2002) são três princípios para o ataque e três para a defesa. Os princípios operacionais de ataque são: conservação individual e coletiva da bola, progressão da equipe e da bola em direção ao alvo adversário e finalização da jogada, visando à obtenção do ponto. Os três princípios operacionais da defesa são: recuperação da bola, impedir o avanço da equipe adversária e da bola em direção ao próprio alvo e proteção do alvo visando impedir a finalização da equipe adversária.

O mesmo autor, a partir desses seis princípios, define regras de ação que seriam mecanismos, ou meios de gestão necessários para se obter êxito dos princípios operacionais.

Segundo Daolio (2002) a proposta em questão rediscutiu a técnica aliando a discussão da tática, partindo da crítica à abordagem tradicional, na qual a tática seria as “razões do fazer” e a técnica o “modo de fazer”, e conseqüentemente uma não pode existir sem a outra.

Com base nessa estrutura dos Jogos Esportivos Coletivos, podemos agora pensar no funcionamento do jogo, a partir de sua lógica interna. Para isso utilizaremos os conceitos da Praxiologia Motriz, que para Ribas (2005) consiste no estudo e a compreensão da essência dos jogos e esportes, ou seja, o estudo e a compreensão da lógica interna independente do contexto e dos praticantes.

Uma das invariantes presentes na Estrutura dos Jogos Esportivos Coletivos, como já foi visto, é a presença de companheiros de equipe e adversários (cooperação e oposição).

Ribas (2005) apresenta o sistema de classificação dos jogos e esportes, o CAI, proposto pelo francês Pierre Parlebas⁵. Esse sistema consiste em classificar os jogos e os esportes por três critérios que são Cooperação, Adversário e Incerteza (relacionada ao meio físico), sendo a sigla CAI oriunda as iniciais desses três critérios. Como exemplo, podemos classificar o Futebol como sendo uma modalidade CA, pois há interação com companheiros e adversários, não há a Incerteza, pois o meio físico onde se disputa o jogo é estável.

Segundo Ribas (2005) o participante dessas modalidades durante todos os momentos de jogo, tomará decisões em função dos seus companheiros e de seus adversários, então saber ler e interpretar as informações provenientes de seus companheiros e dos adversários é de fundamental importância, mas esse participante também é um portador de informações que devem ser claras para seus companheiros e ilegíveis para seus adversários.

Para Ribas (2005), o jogador que sabe interpretar essas informações é aquele que a partir das informações do adversário consegue se posicionar da melhor forma possível, antecipando seus adversários e ocupando os melhores espaços de jogo, e para o autor o professor entendendo melhor a dinâmica da atividade terá condições de orientar os alunos de forma mais precisa e eficaz, possibilitando-os de criar a sua forma de participação.

Baseado em Ribas (2005) essa compreensão da lógica interna oferece condições para os alunos transferirem a aprendizagem para outras atividades, em contrapartida, o ensino dos jogos de forma desconectada de outras vivências motrizes, para o autor é um dos maiores erros que ocorrem em aulas de Educação Física.

Segundo Graça (1998), espera-se do professor o conhecimento e a capacidade de tratar sua matéria de ensino de modo que ela seja apresentável e possibilite experiências de aprendizagem seguras, válidas e significativas aos alunos, proporcionando-lhes um entendimento melhor do jogo e desenvolvendo sua capacidade de atuação.

O ensino que se pauta em buscar informações significativas da situação de jogo com o fim de se decidir o que se fazer com a bola se difere da maneira de se ensinar um gesto motor eficaz, embora nessas duas situações o professor deva fazer da melhor maneira possível (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Segundo González e Bracht (2012) modelo de ensino é uma sistematização de princípios que dão base para o conjunto de decisões que organizam o ensino de um determinado tipo de esporte através de uma determinada visão, e modelo não deve ser

⁵ Graduado em Educação Física pela Escola Normal Superior de Educação Física de Joinville, França, e doutor em Letras e Ciências Humanas.

confundido com método, uma vez que esse se volta para o ensino de aspectos intrínsecos de uma determinada modalidade.

Portanto método é uma ação racional que, na inhomogeneidade das aulas, visa alcançar maneiras de mediação que favoreça a aprendizagem dos alunos, e voltando-se para aulas onde há o ensino de esportes, é possível destacar três elementos, que são: as tarefas, a intervenção do professor e o papel dos alunos (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

As tarefas seriam as atividades, os exercícios que são propostos pelo professor e devem ser executados pelos alunos. Essas tarefas podem ser classificadas em quatro categorias, e são elas: Tipo 1 (T1), Tipo 2 (T2), Tipo 3 (T3) e Tipo 4 (T4). As tarefas T1 e T2 se caracterizam por não haver a interação com adversário, sendo T1 a prática de somente uma habilidade técnica e T2 a prática de duas ou mais habilidades técnicas. Já T3 e T4 se caracterizam por conterem a interação entre adversário, e se diferenciam por T3 ser a prática que exige a observação, por parte dos alunos, de um ou dois princípios de jogo, e T4 por ser a prática que demanda a observação de todos os princípios de jogo (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Dessa maneira não podemos rotular uma tarefa como sendo “boa” ou “ruim”, mas sim classificá-la como adequada ou inadequada, e a seleção, a elaboração e a adaptação dessas tarefas é um processo elementar para conceder aos alunos experiências de movimento significativas que garantam a aprendizagem (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

O outro elemento é a intervenção do professor, que em grande parte acontece através do que ele comunica de forma verbal. Podemos distinguir quatro dimensões que levam o professor a intervir, sendo elas: organizar o trabalho, motivar os alunos, disciplinar os alunos que não observam as orientações da aula e/ou do trabalho e instruir (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

A organização do trabalho seria a explicação de como os alunos deverão realizar o trabalho proposto, de que maneira será a ocupação do espaço e qual será a tarefa proposta. A motivação é aquilo que o professor realiza buscando o envolvimento dos alunos na execução das tarefas, e essa motivação pode ser geral ou individual (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Disciplinar seria a ação para impedir comportamentos que possam atrapalhar o curso da aula e o compromisso dos alunos com a aula. E a instrução por sua vez, são os mecanismos que visam o auxílio aos alunos a aprenderem o conteúdo que está sendo ministrado. Essa instrução pode-se revelar de quatro maneiras básicas sendo elas: a explicação, a transmissão de uma idéia para o aluno a respeito de um fenômeno específico; a demonstração, que é a tentativa de se passar uma imagem daquilo que o aluno busca compreender; a orientação que

é um reforço de uma instrução já passada aos alunos e por fim a indagação que é a indução de um pensamento do aluno a respeito do que seria mais adequado a determinada situação, através de questionamentos (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Baseado nisso, a intervenção do professor é imprescindível, uma vez que as tarefas por si mesmas não tem tanto “efeito”, se não forem acompanhadas de uma intervenção adequada ao que se pretende ensinar (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

O último elemento apresentado é o papel do aluno, que pode ser de duas maneiras ativo ou passivo. O papel passivo é quando o aluno apenas reproduz aquilo que lhe foi apresentado como um modelo a ser seguido. Em contrapartida, o papel ativo é quando o aluno é levado a formular a maneira que vai responder a determinada situação, e em se tratando de ensino de um determinado esporte, colocar o aluno num papel ativo é de fundamental importância, pois, durante o jogo, não há uma definição daquilo que ele deve fazer, mas sim ele é estimulado pelas situações de jogo a decidir sua ação, a elaborá-la, mas se ele apenas reproduz aquilo que lhe é imposto a chance de êxito será menor (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Com esse capítulo procuramos trazer alguns elementos presentes dentro dos jogos de modalidades esportivas coletivas, que devem receber um tratamento didático adequado e trabalhado de forma clara com os alunos, pois assim o processo de aprendizagem será enriquecido, facilitando a compreensão do jogo e de como se portar diante das diversas situações presentes nele, tornando esse aprendizado mais significativo.

3. PEDAGOGIA DO FUTEBOL

O Futebol é o eixo principal desse estudo, por isso, é de fundamental importância abordar a pedagogia específica da modalidade em questão, e como esse conteúdo é tratado no contexto escolar.

A Proposta Curricular de Educação Física do Estado de São Paulo, inclui o Futebol na categoria de esporte coletivo, assim como outras modalidades esportivas coletivas, sendo o objetivo da Educação Física escolar fazer com que os alunos conheçam essas modalidades e possam praticá-las tanto em aulas quanto em momentos de lazer, e a partir do melhor conhecimento do esporte, os alunos terão condições de assistir e compreender de maneira crítica as transmissões esportivas pelos diversos meios midiáticos (SÃO PAULO, 2009).

No 9º ano do Ensino Fundamental a intenção é permitir que, cada vez mais, os alunos compreendam melhor o esporte coletivo, praticando-o de uma maneira mais elaborada (SÃO PAULO, 2009).

Pensando na pedagogia específica dessa modalidade procuramos trazer aquilo julgamos ter maior relevância em se tratando do ensino do Futebol.

Começaremos apresentando três princípios proposto por Freire (2003) para o ensino do Futebol e são eles: Ensinar Futebol a todos; Ensinar Futebol bem a todos e Ensinar mais que Futebol a Todos.

Infelizmente é muito comum, no contexto do Futebol, dar mais atenção a aqueles que já sabem jogar ou tem mais habilidade para jogar, deixando de lado os que não se enquadram nesses critérios. As pessoas que procedem de tal modo justificam-se dizendo que para ser jogar bem o futebol é preciso ter dom, que é apenas jogar para evoluir. Contrariando essa ideia Freire (2003) diz que é necessária uma intervenção na aprendizagem, fazendo com que aqueles que não sabem jogar possam ter condições de aprender o suficiente para jogar, e os que já sabem tenham condições de melhorar.

Freire (2003) afirma ainda que é fundamental também ensinar bem o Futebol, independente daquilo que o aluno já sabe, é preciso que todos tenham condições de jogar Futebol com qualidade, respeitando o tempo pedagógico de cada aluno.

O último princípio nos mostra que devemos ir além do Futebol, que através do ensino dessa modalidade devemos proporcionar o desenvolvimento do aluno em diversos aspectos, como o motor, o social e o moral, contribuindo assim para a formação desse aluno como ser humano (FREIRE, 2003).

O Futebol é uma modalidade que possui as características dos Jogos Esportivos Coletivos, portanto dentre outras possui a característica de ser um jogo onde há a oposição e a cooperação, então para se jogar primeiramente deve-se saber o que fazer para assim escolher um gesto motor mais adequado a situação, ou seja, o como fazer. A exigência que o Futebol possui é em relação à capacidade de tomar decisões provenientes de uma boa leitura do jogo para então efetuar uma resposta motora. Em outras palavras o aspecto técnico deve ser utilizado com base no aspecto tático (GARGANTA; PINTO, 1998).

Segundo Garganta e Pinto (1998), o Futebol, como toda modalidade esportiva coletiva, possui um terreno de jogo e números de jogadores específicos. Um campo de Futebol possui uma ampla dimensão e por conta disso há um número elevado de jogadores, no caso 22, isso faz com que os jogadores tenham uma leitura de jogo complexa, pois precisam estar atentos a bola e no espaço de jogo e conseqüentemente ter um controle da bola para terem condições de fazer a leitura do jogo, ou seja, olhando o jogo e não para a bola. Por esses motivos o jogo realizado em espaços reduzidos e com um menor número de participantes é mais adequado para alunos iniciantes, porque dessa maneira o aluno pode ter um melhor entendimento da lógica do jogo.

Em uma partida oficial de Futebol a duração do jogo é de 90 minutos, sendo que são realmente jogados por volta de 50 minutos, em média, e cada jogador tem a posse da bola por 30 segundos e no máximo 3 minutos, esse fato revela que o jogador tem que estar adaptado, tanto fisicamente quanto mentalmente, a essas condições para responder de maneira eficaz as situações presentes no jogo e principalmente saber jogar sem a bola, de forma tática (GARGANTA; PINTO, 1998).

Essa modalidade, de acordo com Garganta e Pinto (1998), tem uma característica própria de ser jogada quase em sua totalidade com os membros inferiores, ou seja, a condução da bola é feita com os membros relacionados ao equilíbrio e ao deslocamento, o que torna essa ação de conduzir a bola mais árdua e dificulta o processo de leitura do jogo, pois o jogo se desenvolve em um plano inferior, então se há um erro constante por parte de um jogador é preciso averiguar se esse erro é proveniente de uma leitura de jogo deficiente ou de uma ineficiência técnica ou ainda de uma incapacidade física para a resolução eficiente de uma situação de jogo.

Os autores afirmam ainda que o número de finalizações exitosas, ou seja, marcar o ponto (gol), no Futebol é muito menor quando se comparado a outras modalidades como o Handebol, mas esse fato não deve diminuir a importância da finalização durante o processo de ensino do Futebol, ao contrário, deve-se proporcionar um grande número de situações que

envolvam a finalização, pois assim o aluno não perderá o objetivo central da modalidade, que é o gol.

É importante no ensino do Futebol compreender os aspectos funcionais e estruturais do jogo que evidenciam as peculiaridades do jogo, possibilitando o conhecimento dos conteúdos, a definição dos objetivos e a adequação dos meios para garantir esses objetivos. O terreno de jogo e os princípios do jogo são características que condicionam a lógica do jogo e consequentemente o ensino da modalidade (GARGANTA; PINTO, 1998).

O campo de Futebol possui as suas marcações regulamentadas, mas além dessas é possível delimitar outras áreas que podem servir como referência para os jogadores atuarem tanto na fase ofensiva quanto defensiva, respeitando os princípios de cada uma delas. Na horizontal podemos traçar duas linhas, tomando por referência a largura da pequena área, formando 3 corredores, que são: o corredor central e os corredores laterais. Na vertical, traçando duas linhas também, entre o meio campo e a grande área, formamos três setores que são: o setor defensivo, médio e ofensivo (GARGANTA; PINTO, 1998).

Quanto aos princípios do jogo, eles também são um referencial, pois a qualidade do jogo está intimamente ligada à aplicação desses princípios. Esses princípios podem ser divididos em princípios gerais e princípios específicos. Os gerais seriam, na área de disputa da bola, os jogadores devem procurar criar situações de superioridade numérica, evitando assim as de igualdade e principalmente as de inferioridade numérica. Já os princípios específicos correspondem às regras que coordenam à ação dos jogadores, sendo para o ataque a penetração, a cobertura ofensiva, a mobilidade e a maior ocupação do espaço de jogo. E para a defesa são: a contenção, cobertura defensiva, equilíbrio e a concentração (GARGANTA; PINTO, 1998).

A maneira mais adequada de se ensinar o Futebol e fazer com que o aluno passe por situações problema, onde haja os elementos presentes no jogo, ou seja, a cooperação e a oposição, a escolha e a finalização e consequentemente a presença da bola nas atividades. É necessário então uma adequação dessas situações à “linguagem motora” do aluno, para que o aprendizado seja enriquecido. Em outras palavras o ensino através de exercícios que envolvam situações é mais interessante para o ensino do que exercícios técnicos descontextualizados (GARGANTA; PINTO, 1998).

E para que o ensino dê condições ao aluno de melhorar sua qualidade de jogo, os exercícios devem ser acessíveis, com regras simplificadas, com um número reduzido de jogadores, em um espaço reduzido, onde o contato com a bola ocorre várias vezes e de

maneiras diversificadas e com muitas possibilidades de finalização (GARGANTA; PINTO, 1998).

O Futebol, devido as suas características, é um jogo complexo e por esse motivo faz com que o ensino dessa modalidade seja gradativo, do mais fácil para o mais difícil. O ensino é dividido em etapas de complexidade crescente integrando tarefas e objetivos, mas essa divisão não é a divisão do jogo em elementos como o passe, o chute, mas sim, em uma estrutura em unidades funcionais que possibilite a assimilação por parte dos alunos (GARGANTA; PINTO, 1998).

A primeira fase é da relação jogador-bola, onde o aluno irá se familiarizar com a bola, e isso deve ocorrer em três aspectos fundamentais. O primeiro é promover situações que envolvam a utilização de diferentes segmentos corporais, por exemplo, a coxa, em contextos diversificados. O segundo aspecto é de recorrer a situações que exijam o equilíbrio em um único apoio e permitam controlar a trajetória imprimida voluntariamente à bola. O terceiro aspecto é propor situações para que o aluno mantenha a atenção ao seu redor também e não somente na bola (GARGANTA; PINTO, 1998).

A segunda fase diz respeito à construção da presença dos alvos. O objetivo dessa fase é a evolução do jogo até a finalização ao gol, isso no âmbito ofensivo, mas para isso é preciso que os alunos saibam criar as situações de finalização, ou seja, saber abrir espaços para se chegar ao gol. No âmbito defensivo evoluir para uma defesa que saiba jogar fechando os espaços e não aglomerada, ocupando o terreno de jogo de forma eficiente (GARGANTA; PINTO, 1998).

O objetivo da terceira fase, ou a fase de construção da presença do adversário, em situação de ataque, é melhorar o controle da bola do aluno, aumentando seu campo perceptivo, manter a posse de bola e estar capacitado para contato corporal com o adversário. E em situação defensiva dar condições do aluno saber posicionar-se defensivamente, primeiramente em marcação individual e depois em marcação por zonas (GARGANTA; PINTO, 1998).

A fase quatro compreende a relação Eu-bola-colega(s)-adversário(s). Aqui o objetivo é a evolução do jogo individual para o jogo coletivo, através de situações de enfrentamento 2x2 e 3x3, pois essa estrutura mantém a essência do jogo, sendo que o jogador que possui a bola sempre terá duas opções de passe ou seguir conduzindo a bola, e na parte defensiva teremos a disputa da posse da bola por um defensor e a cobertura, a compensação e as dobradas defensivas, mantendo os princípios defensivos (GARGANTA; PINTO, 1998).

Por fim a última fase, a quinta, a da relação Eu-bola-equipe-adversários, a ênfase é no jogo formal e no jogo condicionado em situações de 5x5, 7x7 e 11x11. Visando a evolução da noção espaço-tempo que é fundamental para a evolução do nível do jogo, através da circulação da bola, a leitura das linhas de força, ou seja, a ocupação dos espaços e o emprego dos princípios de jogo (GARGANTA; PINTO, 1998).

Trazendo para o contexto escolar, é difícil encontrarmos a prática do Futebol, mas é extremamente comum encontrarmos a prática do Futsal, que é uma modalidade muito próxima do Futebol, e como esse trabalho está inserido no contexto escolar, e conseqüentemente, o Futsal será a modalidade que estaremos trabalhando em aulas, é necessário então validar essa aproximação do Futebol com o Futsal.

O Futsal é também uma modalidade que se classifica como um Jogo Esportivo Coletivo, portanto há a presença da cooperação e da oposição, onde há a cooperação dos companheiros para a conquista do objetivo da equipe e em contrapartida há simultaneamente a oposição dos adversários na tentativa de impedir essa conquista (SILVA; GRECO, 2009).

Em uma partida de Futsal há o enfrentamento de 2 equipes composta por 5 jogadores cada, que jogam simultaneamente no mesmo espaço de jogo, portanto ocorre ações ofensivas e defensivas ao mesmo tempo, sem a necessidade de espera da ação final do adversário. E que define se a ação é ofensiva ou defensiva é a posse da bola, cujo controle é realizado com os pés e o objetivo final do jogo é marcar o gol (SILVA; GRECO, 2009).

Devido a essas características de ser um jogo onde o espaço é comum, ser coletivo, de cooperação e oposição, onde há a ação simultânea de defensores e atacantes, no Futsal, como todos os Jogos Esportivos Coletivos, há uma alternância constante das situações de jogo, exigindo do participante, tomadas de decisões que objetivam a resolução dessas situações, sendo que estas decisões passam pelo conteúdo tático, que incluem a relação dos processos cognitivos com os motores (SILVA; GRECO, 2009).

Como pode ser visto o Futebol e o Futsal guardam muitas semelhanças em sua lógica interna, tornando o ensino de ambas às modalidades muito próximos, mas se atentando para as alterações em relação ao número e ao espaço de jogo, que no Futebol tanto um quanto outro são maiores que no Futsal.

O objetivo aqui foi trazer alguns aspectos que orientam o ensino dessas modalidades, visando uma aprendizagem voltada para o saber jogar e não para o como fazer, que seria a técnica, pois julgamos que dessa maneira o aluno compreende melhor a modalidade e seu aprendizado é enriquecido.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

Partindo do pressuposto de que o presente estudo tem como objetivo analisar a qualidade de jogo dos alunos de uma turma de 9º ano nas dimensões táticas individual, de grupo e coletiva, a partir de uma intervenção baseada em uma unidade didática do Futebol pautada nas Abordagens Táticas, adotamos como princípio metodológico de pesquisa uma abordagem pautada no referencial da pesquisa qualitativa, lançando mão da pesquisa-ação.

Essa abordagem metodológica é uma pesquisa de caráter pedagógico que incorpora à intervenção pedagógica uma dimensão científico-analítica. A metodologia em questão tem por princípios a observação do objeto de estudo e a intervenção para proporcionar uma mudança, podendo ser esta positiva ou negativa.

Para Franco (2005) esse referencial metodológico consiste em uma pesquisa eminentemente pedagógica, caracterizada por cientificar a prática educativa com a finalidade de promover uma formação contínua e a emancipação de todos os sujeitos da prática.

Segundo Mailhiot (citado por FRANCO, 2005) a pesquisa-ação parte de uma realidade social com a finalidade de modificá-la por meio de intervenções pedagógicas, por esse motivo a integração da pesquisa e da intervenção é de fundamental importância, sendo elas de igual valor.

A pesquisa-ação segundo Franco (2005) por suas origens, traz a transformação de uma determinada realidade, com a participação diretamente dos sujeitos envolvidos no processo.

Pensando na coleta de dados utilizaremos dois instrumentos. Um desses instrumentos será o uso de filmagens. O uso de filmagem se justifica, pois, como o objetivo da pesquisa é analisar a qualidade de jogo, com esse recurso teremos condições de obter dados referentes a essa qualidade.

Outro instrumento que será usado para a coleta de dados são os Diários de Aula (Apêndice 1) . Utilizaremos esse instrumento para obter dados durante o processo de pesquisa, para assim podermos analisar a qualidade de jogo durante todo o processo.

Segundo Zabalza (2004) esse documento é utilizado por docentes para anotar as impressões sobre o que ocorre em aulas, são narrações feitas pelos professores cujo conteúdo é composto daquilo que o escritor do diário julgou ser destacável e deve haver riqueza nas informações relatadas.

Para esse mesmo autor um bom diário é aquele que possui o contraste entre o objetivo-descritivo como o reflexivo-pessoal e essas características tornam o diário um recurso possível para a análise da evolução dos fatos e avaliação dos processos didáticos.

Segundo Zabalza (2004) as informações contidas nos diários de aula permitem ao professor ter uma visão global e em perspectiva de que tipo de dinâmica se produziu na aula e de que maneira ela evoluiu e afetou esse professor permitindo-o identificar os pontos fortes e fracos, o padrão de atuação.

Para avaliar os dados utilizaremos a ferramenta *Team Sports Performance Assessment Procedure* (TSAP) desenvolvida por Gréhaigne, Golbout e Bouthier em 1997. Essa ferramenta tem por objetivo produzir informações válidas para avaliar o desempenho dos alunos em esportes de invasão⁶ (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012).

A avaliação se sustenta por duas dimensões sendo uma a Posse de Bola e a outra o Aproveitamento da Posse de Bola. A primeira pode ser resultante de um passe proveniente do companheiro, ou seja, uma Bola Recebida (BR) ou através da recuperação/conquista da bola de um adversário, uma Bola Conquistada (BC). A segunda dimensão pode ter quatro possibilidades: (1) perder a posse de bola para o adversário, ou Bola Perdida (BP); (2) realizar um passe sem criar uma oportunidade de gol, Bola Neutra (BN); (3) realizar um passe criando uma possibilidade efetiva de gol, Bola Ofensiva (BO); e (4) finalização bem sucedida ou Finalização Exitosa (FE) (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012).

Com base nesses seis parâmetros cada aluno será observado e o registro de suas ações será feito em fichas individuais. Com os dados provenientes da observação é necessário transformá-los em indicadores de desempenho. São dois indicadores: o volume de jogo (VJ) e o índice de eficácia (IE). O VJ é expresso pela soma do número de Bolas Recebidas (BR) com o número de Bolas Conquistadas (BC), ou seja, $VJ = BR + BC$, essa expressão representa o desempenho do aluno com a posse da bola (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012).

Já o IE é a divisão da somatória do número de BC, de BO e FE pela soma do número de BP com uma constante de valor 10, então o índice de eficácia é: $IE = \frac{BC+BO+FE}{BP+10}$ (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012).

Com base nessas equações podemos obter uma Pontuação de Desempenho que é a soma do produto da divisão do VJ por 2 com o produto da multiplicação do IE por 10, ou seja

⁶ São consideradas esportes de invasão as modalidades em que as equipes buscam ocupar o espaço da quadra/campo que é defendido pelo adversário para marcar pontos, e simultaneamente têm que defender a própria meta. Entra nessa classificação modalidades como o Futebol, Futsal, Basquetebol, Handebol etc (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Pontuação de Desempenho = $VJ/2 + IE \times 10$, por exemplo, se o valor do volume de jogo for 10 e o índice de eficácia for 3, dividiremos 10 por 2, resultando 5, e somaremos com 30, já que multiplicando 3 por 10 obtêm-se 30, então a Pontuação de Desempenho será de 35 (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012).

Para analisarmos a qualidade de jogo aplicaremos essa ferramenta anteriormente à intervenção e após a intervenção, e segundo González e Fraga (2012) deve haver uma igualdade de tempo para todos os alunos observados.

5. PROCESSO DE INTERVENÇÃO

Esse trabalho foi realizado em uma Escola localizada na cidade de São Carlos-SP, cujo nome da instituição e dos alunos serão preservado conforme indicado no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (Apêndice 2) entregue aos alunos com o consentimento da direção da instituição.

A escolha dessa Escola foi por já estar inserido nesse contexto, devido a outros compromissos acadêmicos. Houve o contato com a direção através de uma Carta de Apresentação (Apêndice 3) entregue em mãos, e com isso o consentimento para a realização do trabalho naquele local.

Em conjunto com a professora efetiva de Educação Física, a qual também preservaremos a identidade, foi feita a escolha em qual turma de 9º ano do Ensino Fundamental poderíamos desenvolver esse estudo.

Escolhida a turma, e por ainda não haver tido um contato com os alunos da sala em questão, acompanhei por duas semanas as aulas de Educação Física dessa turma para assim me familiarizar com os alunos, e eles comigo. No fim desse período, em que ocorreram quatro aulas de Educação Física, expus o motivo da minha presença naquele local e como seria o meu processo de intervenção que estaria se iniciando com eles nas próximas aulas, e neste mesmo momento houve a entrega e a explicação do TCLE.

O Planejamento (Apêndice 4) para o processo de intervenção contava com dez aulas, sendo a primeira e a última destinada a filmagem dos jogos para a realização do teste TSAP, cujo os resultados serão apresentados no próximo capítulo. Com isso seriam destinadas oito aulas à intervenção, aulas estas pautadas nas Abordagens Táticas.

Essas oito aulas foram divididas em quatro situações táticas temas, sendo duas aulas para cada situação tema. As situações táticas temas são: proteção do alvo (gol); recuperação da posse de bola; manutenção da posse de bola e finalização ao alvo (gol). Dividimos as aulas dessa maneira, pois julgamos que assim o processo de ensino seguiria uma sequência que é a mesma que encontramos dentro de jogo, tornando dessa maneira o ensino contextualizado com o conteúdo apresentado.

Os resultados apresentados aqui são provenientes do conteúdo presente nos Diários de Aula, que revelamos a importância da utilização anteriormente. Começaremos então

apresentando as dificuldades encontradas na realização desse trabalho durante o processo de intervenção.

A primeira aula, como já foi dito, era destinada a filmagem dos jogos para a realização do TSAP. E na aula em questão, e nas demais aulas que ocorreram naquele determinado dia da semana, a dificuldade encontrada foi o atraso dos alunos para se dirigirem a sala de aula, pois nesse dia da semana a aula de Educação Física ocorre no primeiro horário de aula. Devido esse atraso o tempo de filmagem para cada aluno foi de apenas cinco minutos, e nas outras aulas essa demora dos alunos resultou na diminuição do número de atividades propostas, restringindo assim as possibilidades de aprendizado.

Outra dificuldade encontrada foi os dias em que não houve aula, e isso ocorreu por dois motivos. O primeiro motivo foi à ausência da professora efetiva de Educação Física, que por motivos pessoais, não pôde comparecer as aulas, e na ausência dela e de um professor substituto de Educação Física para me acompanhar, não pude realizar as aulas daqueles dias em questão. O segundo motivo de não haver aulas, foi à supressão destas por motivos administrativos da instituição. Com isso houve a necessidade de diminuir o número de aulas de dez para sete, mantendo as duas aulas para a filmagem e apenas cinco para o processo de intervenção.

A redução do número de aulas aliada ao atraso dos alunos resultou num prejuízo significativo ao processo de ensino, pois limitou as possibilidades de intervenção, não houve tempo hábil para se trabalhar o que foi planejado e as situações que ocorreram durante o processo, que poderiam enriquecer esse período de intervenção.

Um fato que num primeiro momento se tornou uma dificuldade, mas com o decorrer das aulas se tornou um ponto positivo foi a participação das meninas. Isso pôde ser observado nas duas primeiras aulas, em que a participação se restringiu apenas em compor a atividade, elas não demonstraram interesse em realizá-la. Mas a partir da terceira aula esse fato se alterou e a participação delas foi de outra forma, foi efetiva e houve mais entusiasmo na realização das atividades.

Apesar dos contratempos enfrentados podemos destacar outros pontos positivos revelados no processo além desse em relação à participação feminina nas aulas. Apresentaremos os pontos positivos referentes a cada situação tática tema, apresentadas anteriormente.

A primeira situação era a proteção do alvo (gol). O objetivo das aulas referentes a essa temática era que os alunos percebessem a necessidade de proteger o gol, ou seja, evitar levar gols, e que para isso era necessário uma movimentação adequada, em que o defensor tem que

se posicionar entre a bola, que esta de posse do adversário, e o próprio gol. E durante essas aulas percebemos que os alunos compreenderam essa necessidade, e se movimentaram de forma que conseguiram solucionar os problemas dessa situação, e fizeram isso tanto de forma individual, quanto de forma coletiva, ou seja, os alunos que estavam na condição de defensores agiam de acordo com as informações provenientes dos companheiros, obtendo assim maior êxito na situação defensiva.

A segunda temática era a recuperação da posse de bola. Conforme já foi explicado houve a necessidade de redução do número de aulas, e por julgar que os alunos necessitavam de uma maior atenção na situação de manutenção da posse de bola e por já ter ministrado as duas referentes à proteção do alvo, decidi por destinar uma aula para a situação de recuperação da posse de bola, duas para a manutenção da posse de bola e uma para a finalização ao alvo, esta última devido aos problemas já relatados não houve a possibilidade de realizá-la.

Então, no decorrer das aulas que tinham por tema a recuperação da posse de bola, o objetivo era a compreensão do que se deve fazer para conseguir a retomada da posse da bola, que é a diminuição do espaço em relação ao adversário, mas sempre fazendo isso pensando na proteção do gol. Observamos que os alunos compreenderam e realizaram essas ações de forma muito satisfatória, sempre coordenando as ações individuais com as ações coletivas.

A última situação que conseguimos trabalhar foi a de manutenção da posse da bola, tendo por objetivo das aulas a compreensão da importância das ações sem a bola para a manutenção da posse, de que se é preciso manter a posse para conseguir chegar ao gol adversário. Em algumas atividades com essa temática observamos um predomínio das ações individuais, que ocorriam em situações que favoreciam a perda da posse da bola, e com algumas orientações conseguimos fazer com que os alunos percebessem que essas ações no contexto em que ocorreram eram prejudiciais à manutenção da posse, e com isso os alunos começaram a se movimentar, a agir de forma que garantisse a posse, e percebemos também que as ações individuais voltaram a estar de acordo com as ações coletivas como foi observado nas outras situações tema.

Concluimos que apesar dos fatos que prejudicaram o processo de intervenção, conseguimos algumas mudanças na maneira de jogo dos alunos, e que se esse período for maior as mudanças serão ainda mais significativas.

6. APLICAÇÃO E RESULTADOS DO *TEAM SPORTS PERFORMANCE ASSESSMENT PROCEDURE* (TSAP)

Utilizamos o *Team Sports Performance Assessment Procedure* (TSAP), como já indicamos na Metodologia da Pesquisa, para obter informações para avaliarmos o desempenho individual dos alunos dentro de jogo. Essa ferramenta sustenta a avaliação em duas dimensões, sendo uma a Posse de Bola e a outra o Aproveitamento da Posse de Bola, e a partir dos dados dessas dimensões há a transformação desses dados em indicadores de desempenho, que são o Volume de Jogo e o Índice de Eficácia, e com esses indicadores é possível obter a Pontuação de Desempenho de cada aluno.

Conforme já dito, também na Metodologia da Pesquisa, aplicamos o TSAP em dois momentos. O primeiro momento foi antes do processo de intervenção e o segundo momento foi após o término desse processo. Procedemos dessa maneira para comparar o desempenho dos alunos antes e depois da intervenção, para termos condições de analisar a qualidade de jogo desses alunos.

Antes de apresentarmos os resultados encontrados na aplicação do TSAP, julgamos necessário falarmos como se deu a aplicação dessa ferramenta. Segundo González e Fraga (2012) o registro das ações dos jogos deve ser feito preferencialmente pelos alunos que não estão jogando. Mas como seria necessário habilitar os alunos a fazerem esses registros e para isso necessitaríamos de certo tempo para que todos estivessem habituados a realizarem os registros, optamos por não proceder dessa maneira, uma vez que não tínhamos esse tempo disponível, então utilizamos a filmagem dos jogos e a partir dessa filmagem, nós realizamos o registro das ações.

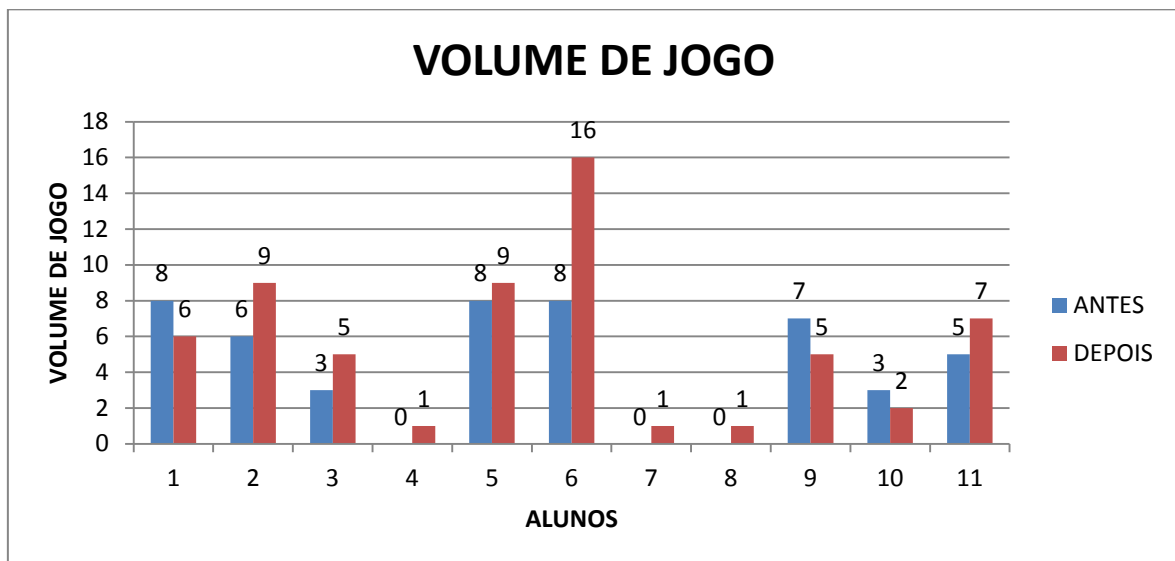
Pensando em manter a equidade dos registros, sentimos a necessidade de estabelecer alguns critérios. Esses critérios foram os seguintes: considerar uma bola recuperada somente quando há intenção de recuperar a posse de bola ou quando há a interceptação do passe do adversário e mantêm-se o controle da bola; considerar bola recebida quando esta é proveniente do companheiro, exceto em início ou reinício de jogo no centro do espaço de jogo, ou seja, após o gol marcado; finalizações que não são exitosas e passes que não chegam ao companheiro são considerados bolas perdidas, mas se mesmo nessas condições não há a perda da posse de bola são considerados bola neutra, por exemplo, se uma finalização ou um passe é desviado pelo adversário e a bola sai pela linha de fundo, mantendo a posse de bola ao time, consideramos bola neutra; cobranças de lateral ou escanteios podem ser consideradas

bola neutra, bola ofensiva ou bola perdida se uma dessas situações se concretizarem. Baseados nesses critérios foram registradas apenas as ações de jogadores de linha, os alunos que aturam como goleiros em um determinado momento, em outro aturam como jogadores de linha, portanto houve o registro das ações de todos os alunos participantes.

Conforme dissemos, aplicamos o TSAP em dois momentos para compará-los, e por conta disso apresentaremos apenas os resultados dos alunos que participaram dos jogos nesses dois momentos. Nesse caso, apresentaremos os resultados referentes a apenas onze alunos, que conforme indicado nos Diários de Aula no segundo momento houve um baixo número de alunos presentes.

Os dados serão apresentados em gráficos para uma melhor visualização, mas não será feita nenhuma análise estatística desses dados, mas sim a apresentação e interpretação dos valores obtidos pelas equações da metodologia do TSAP, e serão apresentados os dados referentes ao Volume de Jogo, Índice de Eficácia e Pontuação de Desempenho.

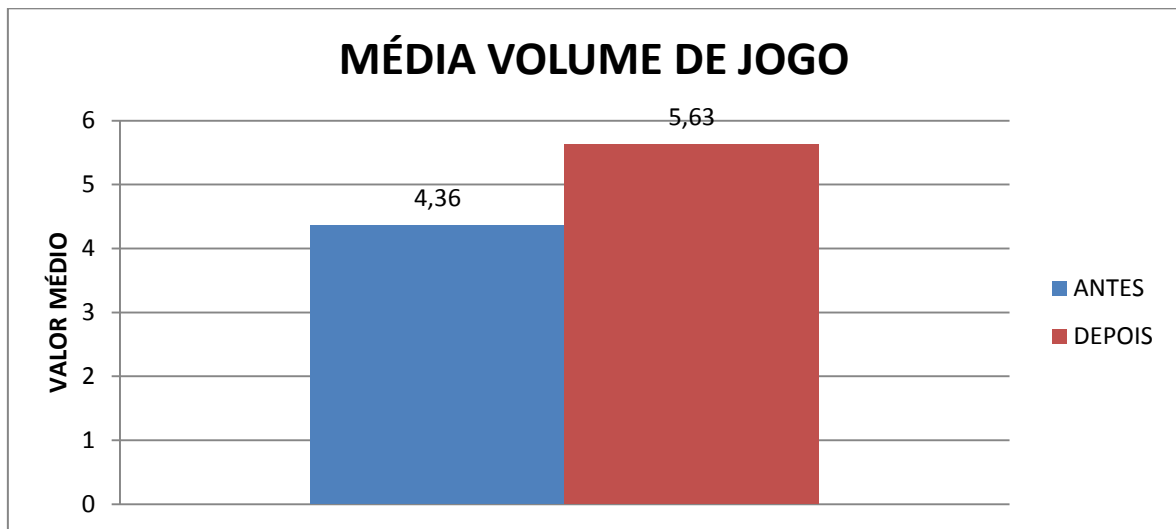
Começaremos pelos dados referentes ao Volume de Jogo, que é o resultado da soma do número de Bolas Recebidas com o número de Bolas Conquistadas. Os valores obtidos podem ser visualizados no gráfico a seguir.



A coluna azul (ANTES) representa os valores obtidos no primeiro momento de aplicação do TSAP, e a coluna vermelha (DEPOIS) representa os valores oriundos da segunda aplicação do TSAP. Essa configuração será a mesma para todos os gráficos que serão apresentados.

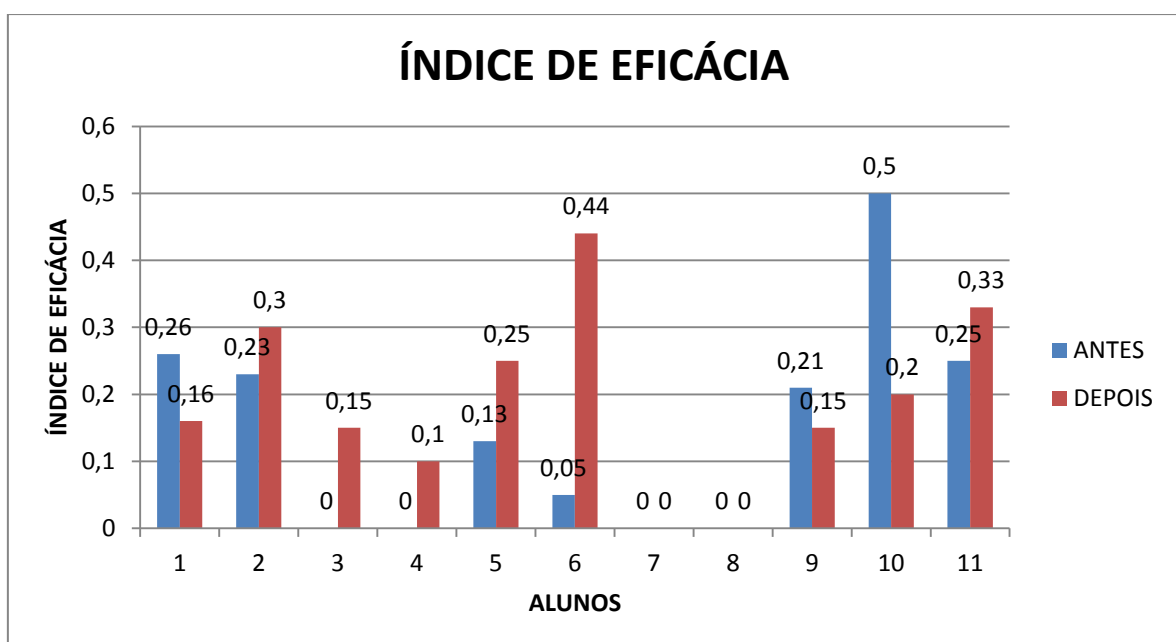
Visualizamos no gráfico que os alunos 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 11, aproximadamente 73% dos alunos conseguiram elevar o Volume de jogo. Já os alunos 1, 9 e 10, ou seja,

aproximadamente 27% dos alunos, reduziram o Volume de Jogo. Os valores médios do Volume de Jogo são os seguintes:



Podemos ver que a média dos valores do Volume de Jogo após a intervenção foi maior (5,63) do que antes do processo de intervenção (4,36). A partir disso podemos concluir que apesar de alguns alunos terem diminuído o seu Volume de Jogo após a intervenção, em média, houve um pequeno aumento do Volume de Jogo dos alunos.

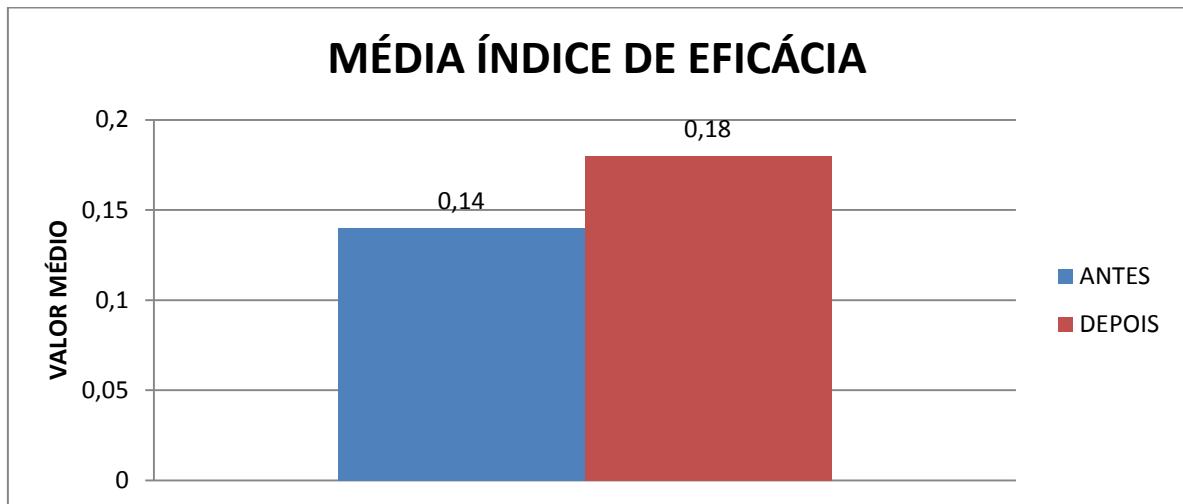
Passaremos agora para os resultados referentes ao Índice de Eficácia. Esse índice é o resultado da divisão do valor resultante da soma dos números de Bola Conquistada, Bola Ofensiva e Finalizações Exitosas pelo valor obtido da soma do número de Bolas Perdidas com o número dez (10). Então, o gráfico do Índice de Eficácia é o abaixo.



Conforme indicado no gráfico, os alunos 2, 3, 4, 5, 6, e 11, 55% dos alunos aproximadamente, aumentaram seus Índices de Eficácia. Aproximadamente 18% dos alunos, sendo eles, os alunos 7 e 8 mantiveram seus índices. Os alunos 1, 9 e 10, 27% dos alunos, diminuíram seus Índices de Eficácia. Esses mesmos alunos que diminuíram seus índices foram os mesmos que diminuíram o Volume de Jogo, isso se deve ao fato desses dois indicadores levarem em consideração uma mesma variável, o número de Bolas Conquistadas.

O fato de que dois alunos não tiveram seus índices alterados, mas em compensação aumentaram o Volume de Jogo, é explicado em decorrência do Índice de Eficácia não levar em consideração o número de Bolas Recebidas, em contra partida o Volume de Jogo considera essa variável.

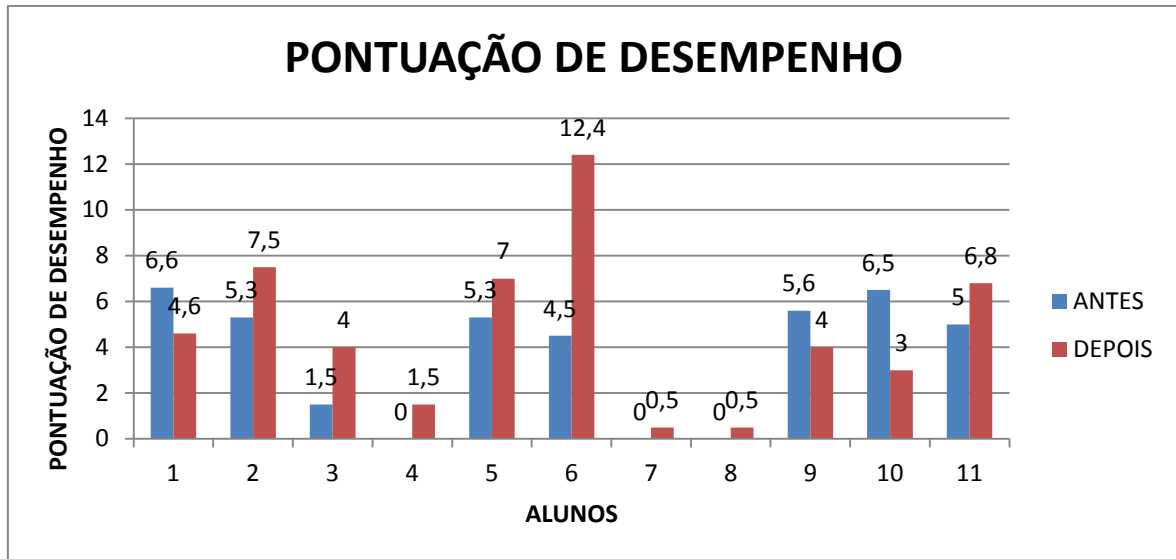
Com relação aos valores médios do Índice de Eficácia podemos visualizar no gráfico seguinte.



Através das médias do Índice de Eficácia, podemos observar o mesmo comportamento encontrado nas médias do Volume de Jogo, houve um ligeiro aumento na média após o processo de intervenção.

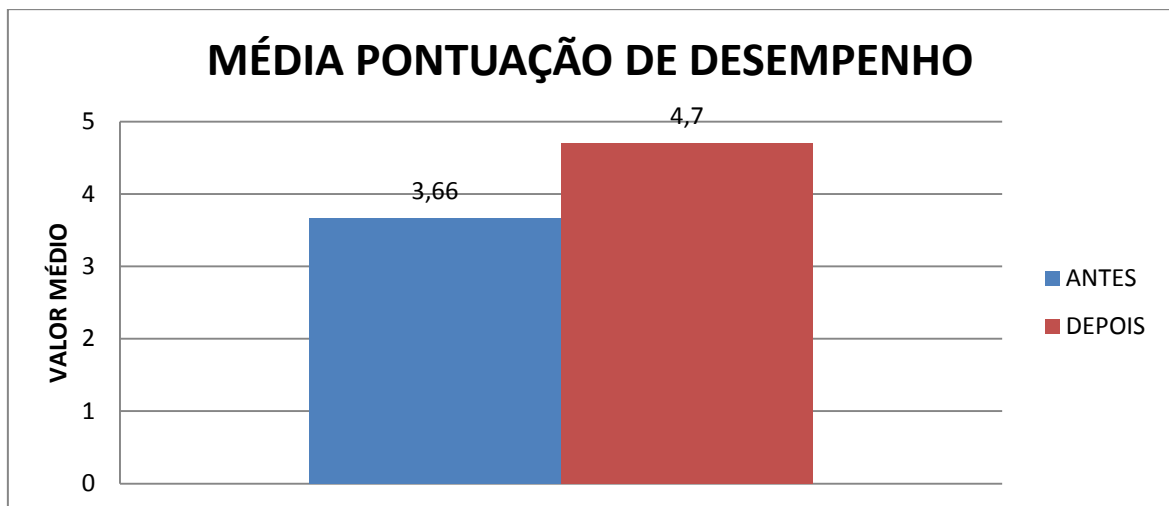
Por fim, temos a Pontuação de Desempenho, que é definida pela soma do valor resultante da divisão do Volume de Jogo por dois com o valor da multiplicação do Índice de Eficácia pelo número dez.

Temos, então, o gráfico referente à Pontuação de Desempenho.



Observamos nesse gráfico que ocorre o mesmo fato visualizado no gráfico do Volume de Jogo, ou seja, os mesmos alunos que aumentaram o Volume de Jogo, cerca de 73% dos alunos, também aumentaram a Pontuação de Desempenho, e os mesmo 27% dos alunos diminuíram tanto o Volume de Jogo, quanto a Pontuação de Desempenho. Isso ocorreu pelo fato da Pontuação de Desempenho ter como uma de suas variáveis o Volume de Jogo.

Os valores médios da Pontuação de Desempenho são os apresentados a seguir.



Conforme já observado nas médias referentes ao Volume de Jogo e ao Índice de Eficácia, a média da Pontuação de Desempenho após o processo de intervenção foi maior (4,7) do que a média antes desse processo (3,66).

Podemos concluir, através dos dados provenientes do TSAP, que após o processo de intervenção houve, em média, um aumento nos parâmetros que expressam o desempenho individual dos alunos.

7. CONCLUSÃO

O objetivo do trabalho em questão é analisar a qualidade de jogo dos alunos de uma turma de 9º ano nas dimensões táticas individual, de grupo e coletiva, a partir de uma intervenção baseada em uma unidade didática do Futebol pautada nas Abordagens Táticas.

Baseados nos dados provenientes dos Diários de Aula podemos verificar que apesar dos problemas enfrentados, como a diminuição do número de aulas por motivos já apresentados e em algumas delas o pouco tempo disponível, houve uma melhora da qualidade de jogos nas dimensões táticas individual, de grupo e coletiva.

Essa melhora poderia ser mais expressiva se o tempo de intervenção fosse maior, pois haveria uma maior disponibilidade de tempo para se trabalhar adequadamente as situações que ali se apresentaram.

Pudemos observar essa melhora, também, nos valores médios dos parâmetros de análise do TSAP, que se mostrou em pequena escala, que de igual modo acreditamos que seja pelo pouco tempo de intervenção. Em relação aos alunos que diminuíram seus valores de Volume de Jogo, Índice de Eficácia e Pontuação de Desempenho uma possível hipótese para essa diminuição é que devido ao aumento da participação dos outros alunos no jogo, a participação coletiva foi maior, diminuindo assim a participação individual desses alunos.

Essa hipótese é baseada nos dados dos Diários de Aula, no qual pudemos ver que alguns alunos passaram a jogar de maneira mais coletiva, ou seja, as ações individuais desses alunos foram em favor do coletivo, fazendo com que os companheiros tivessem uma maior participação, ou seja, as ações de jogo não ficaram restritas a somente alguns jogadores, e esses alunos que diminuíram os seus valores de Volume de Jogo, Índice de Eficácia e Pontuação de Desempenho demonstraram essa mudança de comportamento, por esse motivo colocamos essa maior participação coletiva como uma possível hipótese para a diminuição do desempenho individual dos alunos em questão.

Como pôde ser visto o TSAP proporciona dados muito significativos referentes à qualidade de jogo dos alunos, no aspecto tático, o que o torna uma ferramenta muito útil para avaliação, sendo em contexto escolar ou em qualquer outro espaço, uma vez que essas informações nos dão uma noção precisa da evolução do aprendizado do aluno, podemos ver em quais aspectos houve melhora e em quais é preciso uma maior atenção, permitindo assim um melhor planejamento para que esse aluno esteja em constante evolução no processo de aprendizagem.

Concluimos, então, nesse trabalho, que a partir de uma intervenção baseada nas Abordagens Táticas é possível ter uma melhora da qualidade de jogo nas dimensões táticas individual, de grupo e coletiva de alunos de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**, Terceiro e Quarto Ciclos / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRACHT, Valter. A Educação Física no Ensino Fundamental. In: I SEMINÁRIO NACIONAL: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais, 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2010. p. 1-14.

DAOLIO, Jocimar. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. **Rev. Bras. Ciência e Movimento**. Brasília. V. 10, n. 4, outubro 2002. P. 99-104.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n.03, p 483-502. Set/Dez, 2005.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do Futebol**. Campinas, Sp: Autores Associados, 2003.

GARGANTA, Júlio; PINTO, Jorge. O ensino do futebol. In A. Graça e J. Oliveira (Org.), **O ensino dos jogos desportivos** (p. 95–136). Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, 1998.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: Ufes, Núcleo de Educação Aberta e A Distância, 2012. 126 p

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FRAGA, Alex Branco. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012. 208 p. (Entre Nós - Anos finais do ensino fundamental, v 3)

GRAÇA, Amândio (Ed.). Os comos e os quandos no ensino dos jogos. In: GRAÇA, Amândio; OLIVEIRA, José (Ed.). **O ensino dos Jogos Desportivos**. 3. ed. Santa Maria da Feira: Universidade do Porto, 1998. p. 27-35

RANGEL-BETTI, Irene Conceição. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Motriz**, v. 1, n. 1, junho, 1999.

RIBAS, João F. M. Praxiologia motriz: construção de um novo olhar dos jogos e esportes na escola. **Motriz**. Rio Claro, v.11, n.02, p. 103-110. Mai/Ago, 2005.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação. **Caderno do Professor**. Educação Física: ensino fundamental. 8ª série. 2º bimestre. São Paulo: SEE, 2009.

SILVA, Marcelo Vilhena; GRECO, Pablo Juan. A influência dos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento no desenvolvimento da inteligência e criatividade tática em atletas

de futsal. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 23, n. 3, p.297-307, julho/setembro. 2009.

ZABALZA, Miguel A. **Diário de aula**: um desenvolvimento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre. Artmed, 2004. 160 p.

APÊNDICE 1 – DIÁRIOS DE AULA

- Dia 19/09

Esse foi o primeiro dia de intervenção com a turma de 9º ano escolhida, e conforme o planejado era o dia de fazer a filmagem os alunos jogando para fazer o TSPA e analisar como é o modelo de jogo dos alunos.

A professora efetiva estava viajando com os alunos para a disputa de um campeonato, então foi chamada uma professora substituta. Nesse dia a aula de Educação Física era a primeira aula, e segundo o horário da escola essa aula deveria começar 12:40hrs, mas por motivo de atraso dos alunos para se dirigirem até a sala de aula, a aula começou de fato às 13:00hrs e por conta disso e tempo de filmagem foi muito reduzido, apenas 5 minutos para cada aluno.

E percebi um certo desinteresse por parte de algumas meninas, que demonstraram claramente nenhuma vontade para jogar

Outro problema que enfrentei nesse dia foi em relação ao clima que estava chuvoso, então tive que posicionar a câmera na área coberta da quadra o que prejudicou um pouco o ângulo de filmagem.

- Dia 23/09

No segundo dia de intervenção foi a aula 1. A aula começou no horário certo, reuni os alunos no centro da quadra e expliquei o que faríamos naquela aula, expliquei o conceito de ataque e defesa e como o objetivo da aula era a proteção do alvo expliquei o motivo de proceder dessa maneira quando se esta em situação de defesa.

Para explicar as atividades utilizei a prancheta tática, desenhando a atividade. A primeira atividade havia um quadrado no chão e no centro do quadrado havia um cone, quem atacava não podia entrar no quadrado e quem defendia so poderia se movimentar dentro do quadrado e tentar impedir que quem estava atacando conseguisse derrubar o cone acertando-o com a bola, e para isso deveriam de movimentar de acordo com a bola protegendo o cone.

Os alunos demoraram um pouco para entender a movimentação que deveria ser feita, eles estavam muito estáticos, quem estava dentro do quadrado não se movimentava para fechar os espaços, eles ficavam parados e quando a bola mudava de lugar eles não acompanhavam o que facilitou os atacantes a derrubarem diversas vezes o cone, mas com algumas orientações minhas, eles compreenderam melhor e a atividade fluiu melhor, quem estava defendendo conseguiu ter mais êxitos na ação.

A segunda atividade pensada era algumas variações da primeira, a variação que não fiz, por sentir que complicaria muito a atividade foi a marcação individual, nessa atividade os atacantes poderiam entrar um de cada vez no quadrado, e pude perceber que isso deu uma maior velocidade tanto nas ações ofensivas quanto nas defensivas, mas em alguns momentos

essa entrada do jogador de ataque era de forma displicente, e pude perceber também que os alunos que defendiam conseguiram muitas vezes neutralizar essa entrada.

A ultima atividade foi bem proveitosa, havia um retângulo marcado no chão, em frente a baliza onde os jogadores de defesa somente poderiam jogar dentro do mesmo e os jogadores de ataque jogavam fora desse retângulo mais poderiam entrar. Os alunos compreenderam muito bem a movimentação de proteger o gol, de se colocar entre a bola e o próprio gol e foram muito eficientes nessa ação.

A dificuldade encontrada nessa aula foi motivar algumas meninas que estavam completamente desinteressadas pela aula.

- Dia 26/09

Novamente a aula começou com 20 minutos de atraso, devido a demora dos alunos para entrarem na sala, e por esse motivo somente a ultima atividade da aula 2 foi realizada, na qual os jogadores que defendiam tinham que defender 2 gols enquanto os jogadores de ataque defendiam apenas 1.

A atividade fluiu bem, mas por eles já terem vivenciado as atividades da aula passada, eu esperava uma movimentação melhor dos alunos, no sentido de proteger o alvo, eles ficaram muito focado em fazer o gol e esqueciam-se de proteger o gol quando perdiam a posse de bola e não conseguiam recuperar de maneira intencional, recuperavam apenas quando sofriam o gol ou quando os atacantes finalizavam errado.

Eu num primeiro momento eu optei eu não intervir na movimentação, na esperança deles perceberem a necessidade de proteger a frente dos dois gol especificamente, mas percebem que isso não ocorreu comecei a intervir, tomando por exemplo algumas situações que ali ocorreram e mostrando uma possível movimentação que impediria o gol, e as vezes pedindo a opinião dos próprios alunos de como deveria ser feito, com isso eles conseguiram ser mais eficientes nas ações defensivas, e mostraram também uma adequação das próprias ações com as ações dos companheiros, eles souberam agir de forma conjunto nas ações defensivas.

Um ponto que me chamou a atenção foi que nessa aula, algumas meninas tiveram uma participação mais efetiva na atividade, e demonstraram estarem gostando de jogar. E um ponto dificultou foi o pouco tempo de aula, com mais tempo poderia ter mais oportunidades de orientar os alunos, de fazer algumas alterações na atividade para eles terem um maior entendimento.

- Dia 30/09

Nesse dia eu fui ate a escola, mas quando cheguei lá fui informado que a professora não iria, e como não havia professor substituto não pude ministrar a aula. E também fui informado que no dia 3 haveria conselho de classe e não haveria aula também.

- Dia 03/10

Não houve aula devido ao conselho de classe.

- Dia 10/10

Fui a escola e lá fui informado que a professora não iria novamente, e por não haver substituto, não pude realizar a aula. E fui que na semana seguinte não haveria aula a semana toda.

- Dia 14/10 e Dia 17/10

Nessa semana não houve aula.

- Dia 21/10

Depois do período sem ministrar as aulas, retornei nesse dia a escola e conseguir dar a 3^a aula.

Com os acontecimentos onde não pude realizar as aulas, tive que diminuir o numero de aulas de 8 para 6 e conseqüentemente alterar os planos.

Segundo a sequencia de aulas que adotei seriam 2 aulas para cada situação tática. Então modifiquei para 1 aula para a “roubada de bola” 2 para a “manutenção da bola e 1 para a “finalização ao alvo”. Eu modifiquei dessa forma com base nos conhecimentos que os alunos apresentaram, pois percebi que eles tinham mais dificuldade em manter a posse de bola.

Conforme o cronograma estipulado a aula do presente dia seria para a roubada de bola. Reformulei o plano de aula e planejei 2 atividades. A primeira seria o “bobinho” e a segunda um 2x2 de ataque contra de defesa.

Na primeira atividade os alunos que formavam a roda só podiam dar 2 toques na bola, e o “bobo” se encostassem o pé na bola já estariam livres.

Nessa atividade os alunos deixavam a bola sair da roda muitas vezes e a pessoa que estava no “bobo” não se movimentava adequadamente para pelo menos encostar na bola. Percebendo isso fiz algumas intervenções orientando os alunos da roda a terem mais atenção ao fazer o passe e ao aluno que está no “bobo” a se movimentar de maneira a fechar as linhas de passe. Com isso atividade fluiu melhor e os alunos obtiveram maior êxito na roubada de bola.

Na segunda atividade, os alunos no começo não estavam se movimentando de maneira que exigia a situação. Intervir novamente lembrando os alunos das primeiras aulas onde eles tinha que fechar a frente do gol e a movimentação da atividade anterior, e assim os alunos compreenderam melhor e tiveram maior êxito também em relação a roubada de bola. Mas os alunos apresentaram uma dificuldade na situação de ataque, eles não conseguiam fazer a circulação da bola o que em alguns momentos facilitava a perda da bola. Intervi nessa situação mais de maneira mais moderada, pois o enfoque da aula era a defesa, e também porque poderei tratar isso melhor nas próximas aulas. Minha intervenção foi no sentido dos alunos entenderem que esta com a posse bola é que deve

tomar as decisões no jogo, é o ataque que dita o ritmo de jogo, que eles devem induzir a defesa ao erro.

Os fatos interessante foi essa melhora na movimentação dos alunos, tanto em ações individuais quanto coletiva, no sentido de diminuir os espaços para conseguir roubar a bola, e fazer isso aliado a proteção do gol, e a maior participação de alunos e alunas que nas aulas anteriores se mostraram desinteressados.

- Dia 24/10

A aula nesse dia, como em todas as sextas feiras, era no primeiro horário e houve certo atraso para iniciar a aula, mas dessa vez o atraso foi menor, cerca de 15 min, devido ao baixo numero de alunos, apenas 14 presentes.

Conforme o planejamento nesse dia seria a aula para a manutenção da posse de bola, e devido ao numero de alunos presentes julguei que seria melhor fazer algumas alterações no plano para ter uma aula com mais qualidade, e no decorrer da aula pude notar que essa alteração foi eficaz.

A primeira atividade que propôs foi o jogo dos passes, onde os alunos deveriam trocar 10 passes para marcar 1 ponto, sendo que o aluno que recebeu um passe não poderia devolver para quem passou a bola, mas deveria realizar o passe para outra pessoa.

Os alunos não compreenderam num primeiro momento a dinâmica da atividade, percebendo isso parei a atividade e fiz uma nova explicação, com isso os alunos compreenderam a atividade foi muito satisfatória. Os alunos se movimentaram sempre buscando criar linhas de passe, a bola circulou por quase todo o espaço e o que revela uma melhor ocupação do mesmo, e a participação efetiva de todos os participantes, inclusive das meninas que novamente foi um fato relevante, elas demonstraram um envolvimento e um comprometimento muito significativo, esse fato também foi demonstrado pelos meninos.

A segunda atividade era uma variação da primeira. Os alunos deveriam trocar passes, mas agora tinha a presença dos alvos e o valor do gol era igual ao numero de passes trocados. Nessa atividade pude observar um fato relevante. Com a presença dos alvos, os alunos começaram a jogar de forma muito vertical, eles pensavam somente em fazer o gol e não em construir a situação de gol e com isso, as meninas e os menos habilidosos começaram a serem excluídos do jogo e a posse de bola era perdida facilmente.

Percebendo isso fiz algumas ponderações a respeito da importância da circulação da bola para a manutenção da posse, da necessidade de se construir a jogada de finalização, e eles compreenderam e a atividade fluiu com uma qualidade notável, assim como foi na primeira atividade. A noção coletiva também pode ser observada, mas nessa situação houve uma maior ênfase dos alunos nas ações individuais.

- Dia 28/10

Continuei nesse dia a situação tática de posse de bola. No começo da aula fiz uma revisão com os alunos de tudo o que já havíamos trabalhado, e das maneiras de se portar em cada situação e confirmei com eles que para se jogar não precisar o mais habilidoso, mas sim saber ler as situações.

Planejei para essa aula duas atividades, a primeira era um bobinho mas com 2 bobos. Expliquei à eles o porque da escolha do bobinho, que ele mantém as características do futebol que é a presença de companheiros e adversários, e que com 2 bobos, o passe deve ser pensado para não perder a bola, pois com 2 no centro fica mais fácil perder a bola, e os 2 no centro tem que orientar um em relação ao outro para conseguir fechar corretamente os espaços.

Os alunos compreenderam bem e realizaram a atividade de forma muito satisfatória. E a ação coletiva tanto dos que estavam na roda, quanto dos que estavam no “bobo” sobressaiu em relação as ações individuais

A segunda atividade era um 3x2 com superioridade do ataque, conversei com eles antes e expliquei que essa atividade era para ele valorizarem a posse, e a situação de superioridade favorecia essa valorização e a manutenção da posse, mas houve muita bagunça por parte dos alunos o que dificultou muito a atividade, diversas vezes tive que parar a aula e pedir para os alunos focarem na atividade, e dar algumas orientações sobre a atividade pois percebi que alguns alunos estavam jogando de forma individual, mas não resolveu, e como já se estava no final da aula, reuni os alunos e perguntei se a atividade era muito difícil, se eles tiveram dificuldades em entender, eles me responderam que não, que eles compreenderam bem a atividade, e que se sentiram bem em realiza-la

Conclui que a bagunça foi uma questão corriqueira e que não foi devido à atividade.

- Dia 31/10

Não houve aula por motivos administrativos da Escola

- Dia 7/11

O planejamento para esse dia era a filmagem para o TSPA, mas o número de alunos foi bem reduzido, devido ao fato de ter sido à volta de um feriado Municipal prolongado.

APÊNDICE 2 – TCLE**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você, _____, aluno(a) da Escola Estadual _____, está sendo convidado a participar da Monografia de Licenciatura em Educação Física sob o título “O Ensino do Futebol pelas Abordagens Táticas”, a qualquer momento antes da conclusão desta você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o estudante ou com a instituição. Este estudo tem como objetivo analisar a qualidade de jogo dos alunos de uma turma de 9º ano nas dimensões táticas individual, de grupo e coletiva, a partir de uma intervenção baseada em uma unidade didática do Futebol pautada nas Abordagens Táticas. Sua participação neste estudo consistirá em autorizar o uso de imagens, para uso exclusivamente acadêmico-científico, podendo ser divulgados em congressos, simpósios, palestras e congêneres. Os riscos com sua participação referem-se ao risco inerente à prática de atividade física, mas todos os cuidados estão sendo tomados para evitá-los. Observamos que poderá haver benefícios para o desenvolvimento de estudos e projetos relacionados ao ensino do Futebol na Educação Física Escolar. Salientamos que seu nome e da instituição a que está vinculada serão alterados garantindo sigilo. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados documentais e o telefone do estudante-pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o desenvolvimento da Monografia, agora ou até a conclusão da mesma.

 Estudante-pesquisador: Henrique Barbosa O. F. Salles

(RG 47 784 399-2: / CPF: 104 103 516 01/ Tel.: (16) 98181 8932/ aluno regular do curso de Licenciatura em Educação Física/UFSCar, orientado pelo Prof. Osmar Moreira de Souza Júnior)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

São Carlos, ____ / ____ / ____ .

 Participante da Pesquisa:

RG: _____

 Responsável pelo(a) participante da pesquisa:

(RG: _____ / CPF: _____ / Tel.: _____)

APÊNDICE 3 – CARTA DE APRESENTAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA
OSMAR MOREIRA DE SOUZA JÚNIOR
Professor Assistente - DEFMH/UFSCar



E-mail: osmar@ufscar.br Ramal: 3351-8767

Prezado(a) senhor(a),

Venho através deste, mui respeitosamente, apresentar o aluno HENRIQUE BARBOSA O. F. SALLES, regularmente matriculado no curso de Licenciatura em Educação Física Escolar da Universidade Federal de São Carlos e solicitar a valiosa contribuição desta respeitada instituição, no sentido de permitir que o referido aluno realize sua Monografia de Conclusão de Curso sob o título “O Ensino do Futebol pelas Abordagens Táticas”.

O trabalho será realizado por meio de uma intervenção realizada pelo aluno em aulas de Educação Física. O estudo terá como objetivo analisar a qualidade de jogo dos alunos de uma turma de 9º ano nas dimensões táticas individual, de grupo e coletiva, a partir de uma intervenção baseada em uma unidade didática do Futebol pautada nas Abordagens Táticas.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessário (e-mail e telefone no cabeçalho) e desde já agradeço atenção dispensada.

Atenciosamente,

Osmar Moreira de Souza Júnior
Professor Assistente
DEFMH/UFSCar

Ilmo(a). Sr(a).

Prof(a). _____

APÊNDICE 4 – PLANEJAMENTO

Aulas 1 e 10: TSPA

Aulas/Temas	Proteção do Alvo	Recuperação da Bola	Manutenção da Posse de Bola	Finalização ao Alvo
2	x			
3	X			
4		X		
5		X		
6			X	
7			X	
8				X
9				X

Aula 2: Proteção do Alvo

Conversa Inicial (5 min): explicar o que acontecerá na aula

Exercício 1 (10 min): impedir que o adversário acerte o alvo (cone) localizado no centro do quadrado

Exercício 2: (10 min): variação do anterior: os atacantes podem entrar um de cada vez no círculo para receber a bola, e a marcação será individual.

Exercício 3 (20 min): os jogadores de defesa tem que jogar dentro de um quadrado somente, fechando a frente do gol.

Conversa Final (5min): impressões sobre a aula.

Consciência Tática: o que o defensor deve fazer quando o atacante recebe a bola. Qual deverá ser seu posicionamento. E como deve ser uma marcação individual bem sucedida.

Aula 3: Proteção do Alvo

Conversa Inicial (5 min): explicar o que acontecerá na aula

Exercício 1 (10 min): pequenos jogos de 1x1 e 2x2, onde o defensor tem que fechar o espaço impedindo a finalização.

Exercício 2 (10 min): variação do anterior, mas agora com marcação individual

Parte Principal (20 min): jogo onde os defensores tem que defender 2 gols menores.

Conversa Final (5min): impressões sobre a aula.

Consciência Tática: reforçar as atitudes e o posicionamento do defensor, e reforçar como a marcação individual deve ser feita para se ter sucesso.

Aula 4: Recuperação da Bola.

Conversa Inicial (5 min): explicar o que acontecerá na aula

Exercício 1 (10 min): bobinho

Exercício 2 (10 min): rouba colete

Exercício 3 (20 min): ataque contra defesa 2x2, 3x3.

Conversa Final (5min): impressões sobre a aula

Consciência tática: fechar os espaços, aproximar do atacante e escolher a melhor hora para dar o “bote”.

Aula 5: Recuperação da Bola.

Conversa Inicial (5 min): explicar o que acontecerá na aula

Exercício 1 (10 min): bobinho, com 2 bobos

Exercício 2 (10 min): jogo 3x3, os defensores têm 30 seg. para roubar a bola

Exercício 3 (20 min): roubar a bola vale o valor da área onde a bola foi roubada, quanto mais longe do gol defendido maior o valor.

Consciência tática: reforçar a aproximação, fechar espaços, recuperar a bola o mais rápido possível e o mais próximo do gol adversário.

Conversa Final (5min): impressões sobre a aula

Aula 6: Manutenção da Bola.

Conversa Inicial (5 min): explicar o que acontecerá na aula

Exercício 1 (10 min): jogo dos passes

Exercício 2 (10 min): 3x2 superioridade do ataque

Parte Principal (20 min): jogo com 3 áreas. Cada área tem um número mínimo de passes que devem ser trocados. Defesa 2, meio 3 e ataque 2.

Conversa Final (5min): impressões sobre a aula

Consciência Tática: olhar a situação para saber o que fazer, para manter a bola é preciso trocar passes, escolher o companheiro melhor posicionado.

Aula 7: Manutenção da Bola.

Conversa Inicial (5 min): explicar o que acontecerá na aula

Exercício 1 (10 min): bobinho com 2 toques.

Exercício 2 (10): 3x3

Parte Principal (20 min): jogo normal, o valor do gol é o número de passes trocados.

Conversa Final (5min): impressões sobre a aula

Consciência Tática: reforçar a leitura da situação, a troca de passes e a escolha do companheiro. A progressão com a bola, e velocidade do passe.

Aula 8: Finalização ao Alvo.

Conversa Inicial (5 min): explicar o que acontecerá na aula

Exercício 1 (10 min): gol a gol (vários campos)

Exercício 2 (10 min): 3x2

Parte Principal (20 min): jogo de ataque contra defesa com várias zonas de finalização com valores diferentes

Conversa Final (5min): impressões sobre a aula

Consciência Tática: se aproximar do gol, se desmarcar, escolher o momento da finalização.

Aula 9: Finalização ao Alvo.

Conversa Inicial (5 min): explicar o que acontecerá na aula

Exercício 1 (10 min): 3x2 superioridade do ataque

Exercício 2 (10 min) 3x3, 4x4

Parte Principal (20 min): jogo com garrafão de um lado, e do outro com jogada pela lateral.

Conversa Final (5min): impressões sobre a aula

Consciência Tática: reforça as atitudes para finalizar e explorar diversas maneiras de finalizar.